

REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE



GVA - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB

Artigo de Revisão

Alfabetizar Letrando

Terezinha da Costa Santos

Diplomada em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú, especialista em Psicopedagogia, pelas Faculdades Integradas de Patos. Email: terezinhacs55@hotmail.com

Resumo: Atualmente, no Brasil, o termo 'letramento' já está incorporado em discursos e práticas relativas ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita na fase inicial de escolarização de crianças, mostrando a necessidade de considerar tanto a relação de interdependência e indissociabilidade entre letrar e alfabetizar quanto as possíveis distinções entre letramento escolar e letramento social. O letramento é um processo que se inicia antes mesmo de a criança aprender a ler, supondo a convivência com universo de sinais escritos e sendo precedido pelo domínio da oralidade. Outros fatores associam-se ao processo de letramento, já que a convivência com a escrita começa no âmbito da família e intensifica-se na escola, quando o mundo do livro é introduzido à infância. Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos. O processo de alfabetização exige do professor muita atenção e dedicação. Por outro lado, as dificuldades e os frequentes fracassos dos educandos nessa fase escolar exigem uma mudança de atitude e uma tentativa na procura de outros caminhos. Em síntese, alfabetização e letramento são conceitos que precisam ser vivenciados em sua plenitude, sobretudo na escola, pois tal como se apresenta na realidade nacional, muitos professores precisam se apropriar da concepção de letramento como algo necessário para a vida dos alunos.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Aprendizagem.

The contribution of literacy to the literacy process

Abstract: Currently, in Brazil, the term 'literacy' is already embedded in discourses and practices related to teaching and learning of reading and writing in the early stage of schooling of children, showing the need to consider both the interdependence and indivisibility of letrar and literacy as the possible distinctions between school literacy and social literacy. Literacy is a process that begins even before children learn to read, assuming the universe living with written evidence and being preceded by field of orality. Other factors are associated with the literacy process, since living with writing begins within the family and in school intensifies when the world of the book is introduced to childhood. Literacy letrando means guiding the child to learn to read and write, taking her to live with actual practices of reading and writing: replacing traditional and synthetic primers by books, magazines, newspapers for short, by reading material that circulates in school and in society, and creating situations that become necessary and significant practices of textual production. The literacy process requires a lot of teacher attention and dedication. Moreover, the difficulties and frequent failures of students in this school phase require a change in attitude and an attempt in finding other paths. In short, literacy and letrando are concepts that need to be experienced in its fullness, especially in school, because as it stands in the national reality, many teachers need to appropriate the concept of literacy as something necessary to the lives of students.

Keywords: Literacy. Literacy. Learning.

1 Introdução

Durante muito tempo, a escola trabalhou com a lógica de primeiro aprender a escrever para depois escrever textos com fins socialmente

legitimados; primeiro decodificar as letras e seus respectivos sons para depois liberar o aluno para a leitura propriamente dita. Antes, o que prevalecia era uma prática de imposição de conhecimento justificada. Em outras palavras, aprendia-se e

posteriormente iria se determinar para que serviria o conhecimento adquirido. Entretanto, esse modelo vem sendo substituído pelo que hoje se pode chamar de *alfabetizar letrando*.

Através do método *alfabetizar letrando*, pode-se promover, no âmbito do ensino, uma verdadeira sutura entre o descobrir a escrita, aprender a escrita e usar a escrita. Nesse contexto, o ensino e as práticas sociais de uso da língua pode ser um importante mecanismo para demolir as barreiras entre a escola e o mundo e assim garantir a razão de aprender e o significado do que é aprendido; mais que isso, a vontade de continuar aprendendo.

No caso da alfabetização, é permitir que o aluno possa aventurar-se desde o início (e cada vez mais) no universo letrado. Diante dessa concepção, é preciso ajustar o ensino da escrita a um projeto educativo que supere a própria aprendizagem da escrita.

O professor não deve limitar-se apenas a ensinar uma base para o conhecimento propriamente dito. Ao ensinar a ler e escrever, ele deve investir na essência da formação do sujeito crítico, consciente e participativo. O presente trabalho, de natureza bibliográfica, que tem por objetivo mostrar a importância do letramento no processo de alfabetização.

2 Revisão de Literatura

2.1 Alfabetizar Letrando

Atualmente, no Brasil, o termo 'letramento' já está incorporado em discursos e práticas relativas ao ensino e aprendizagem da leitura e escrita na fase inicial de escolarização de crianças, mostrando a necessidade de considerar tanto a relação de interdependência e indissociabilidade entre letrar e alfabetizar quanto as possíveis distinções entre letramento escolar e letramento social.

Tais relação e distinção vêm sendo apontadas como necessárias, uma vez que, como um conjunto de habilidades e conhecimentos específicos, a leitura e a escrita precisam ser ensinadas e aprendidas, e a escola continua sendo, neste país, uma das agências privilegiadamente responsáveis por esse processo de ensino-aprendizagem.

Para alguns teóricos, o 'letramento' deve substituir, definitivamente, 'alfabetização', ou se deve optar por um ou outro termo; para outros, trata-se de denominações distintas de duas etapas distintas e sequenciais, devendo-se, primeiramente, alfabetizar para, depois, letrar; para outros, ainda, trata-se de alfabetizar, letrando, como dois momentos diferentes, mas complementares e

simultâneos, no ensino-aprendizagem inicial da leitura e escrita.

Para Soares (2000, p. 47), alfabetizar letrando é ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de forma que os aprendizes se tornem, ao mesmo tempo, alfabetizados e letrados.

O letramento é um processo que se inicia antes mesmo de a criança aprender a ler, supondo a convivência com universo de sinais escritos e sendo precedido pelo domínio da oralidade. Outros fatores associam-se ao processo de letramento, já que a convivência com a escrita começa no âmbito da família e intensifica-se na escola, quando o mundo do livro é introduzido à infância.

Tentando melhor esclarecer o referido processo, Perandré (2004, p. 15), afirma que:

Alfabetizar é tornar a pessoa capaz de ler e escrever. É ensinar-lhe uma tecnologia, a da leitura e escrita, ou seja, a decodificar e a codificar a língua escrita. Letrar é tornar alguém letrado. Ser letrado é viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, é apropriar-se da linguagem escrita, é saber usá-la de acordo com suas necessidades e interesses.

Nessa concepção, se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita.

Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias.

Assim sendo, alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

De acordo Pelandré (2004, p. 15),

Alfabetizar e letrar é o desafio que se impõe à escola nos dias de hoje. Mais do que ensinar os alfabetizando a decodificar e a codificar o sistema linguístico, é necessário que se lhes oportunizem

experiências com diferentes gêneros discursivos e lhes propiciem o domínio da variedade linguística que se quer que aprendam.

Nessa ótica, é preciso ensinar a língua em toda a sua variedade de usos, partindo dos conhecimentos internalizados dos falantes para que conscientes de sua identidade linguística se disponham a observar e conhecer aquelas variedades que não dominam.

Desta forma, ao professor compete a compreensão do processo de alfabetização e a consciência da importância de ser mediador entre os conhecimentos de mundo de que dispõem os que estão se alfabetizando e aqueles conhecimentos que se fazem necessários para a inserção no universo da língua escrita, de modo que níveis crescentes de letramento possam ser alcançados visando à conquista da cidadania.

Segundo Soares (2001, p. 131)

O processo de letramento ocorre, então, mesmo entre crianças bem pequenas. Pode-se dizer que o processo começa bem antes de seu processo de alfabetização: a criança começa a 'letrar-se' a partir do momento em que nasce numa sociedade letrada. Rodeada de material escrito e de pessoas que usam a leitura e a escrita - e isto tanto vale para a criança das camadas favorecidas como para a das camadas populares, pois a escrita está presente no contexto de ambas - as crianças, desde cedo, vão conhecendo e reconhecendo práticas de leitura e de escrita. Nesse processo, vão também conhecendo e reconhecendo o sistema de escrita, diferenciando-o de outros sistemas gráficos (de sistemas icônicos, por exemplo), descobrindo o sistema alfabético, o sistema ortográfico.

A alfabetização, no sentido que atribuí a essa palavra, é que se concentra nos primeiros anos de escolaridade. No entanto, por toda a vida escolar os alunos estão avançando em seu domínio do sistema ortográfico. Até mesmo um adulto escolarizado, quando vai ao dicionário, recorrer a dúvidas sobre a escrita de uma palavra está retomando seu processo de alfabetização.

Esses procedimentos de alfabetização tardia são esporádicos e eventuais, ao contrário do letramento, que é um processo que se estende por todos os anos de escolaridade e, mais que isso, por toda a vida. Em síntese, o processo de escolarização é, fundamentalmente, um processo de letramento.

Além do conhecimento das diferenças que existem entre alfabetizar e letrar, para se compreender o processo de aprendizagem da linguagem escrita, faz-se necessário estabelecer uma relação direta com a linguagem oral, cuja aquisição depende, apenas, da exposição do indivíduo a situações de interação social através do uso da língua, uma vez que todo o indivíduo normal é biopsicologicamente preparado para a aquisição da linguagem.

O aprendizado da linguagem escrita, por conseguinte, não acontece se não houver instrução específica sobre o que se quer ensinar, pois, para se chegar à compreensão do alfabeto enquanto sistema de representação mental e gráfica da língua, precisam ser desenvolvidas capacidades de análise e síntese dos componentes desse sistema alfabético.

Afirma ainda Soares (2001, p. 131), que

Em todas as áreas de conhecimento, em todas as disciplinas, os alunos aprendem através de práticas de leitura e de escrita: em História, em Geografia, em Ciências, mesmo na Matemática, enfim, em todas as disciplinas, os alunos aprendem lendo e escrevendo. É um engano pensar que o processo de letramento é um problema apenas do professor de Português: letrar é função e obrigação de todos os professores. Mesmo porque em cada área de conhecimento a escrita tem peculiaridades, que os professores que nela atuam é que conhecem e dominam.

A quantidade de informações, conceitos, princípios, em cada área de conhecimento, no mundo atual, e a velocidade com que essas informações, conceitos, princípios são ampliados, reformulados, substituídos, faz com que o estudo e a aprendizagem devam ser, fundamentalmente, a identificação de ferramentas de busca de informação e de habilidades de usá-las, através de leitura, interpretação, relacionamento de conhecimentos.

Na concepção de Soares (2001, p. 135), para vencer os desafios do processo de alfabetização letrando:

[...] o professor precisa, em primeiro lugar, ser ele mesmo letrado na sua área de conhecimento: precisa dominar a produção escrita de sua área, as ferramentas de busca de informação em sua área, e ser um bom leitor e um bom produtor de textos na sua área. Isso se refere mais particularmente à formação que o professor deve ter no conteúdo da área de conhecimento que elegeu.

Nessa concepção, o professor precisa completar sua formação e tornar-se capaz de letrar seus alunos, reconhecendo que o processo de letramento possui características e peculiaridades dos gêneros de escrita próprios de sua área de conhecimento. Assim sendo, os professores de qualquer área de conhecimento, deveriam centrar seus esforços na formação de bons leitores e bons produtores de texto naquela área.

O processo de ensino-aprendizado da leitura e da escrita envolve práticas de pensar e agir sobre o mundo por meio de palavras escritas e depende de diferentes processos de acordo com o desenvolvimento desses conhecimentos e da negociação entre professores e alunos e entre os pares. Isso ocorre em contextos escolares rurais e urbanos, dependendo dos usos e das funções da escrita nas situações sócio-comunicativas, dos gêneros, da prática das diferentes etapas de leitura, do uso de estratégias de leitura e escrita, da convenção ortográfica da língua, do reconhecimento global de palavras, por composição e decomposição de unidades maiores e menores.

Segundo Smolka (2001, p. 102):

Uma vez que as atividades humanas são mediadas pela linguagem, a intervenção de usuários mais proficientes, no caso da alfabetização, a do professor, auxiliará no processo de aquisição da linguagem escrita. A leitura e a escrita constituirão, assim, um modo de interação de quem está se alfabetizando consigo mesmo, com os colegas, com o professor, com os outros, um modo de dizer, uma forma de constituição de sentidos.

Falar de leitura e escrita requer, necessariamente, que se fale de linguagem. Não há aprendizado da leitura e da escrita sem que antes tenha havido a aquisição da linguagem falada, nos indivíduos normais. Embora a linguagem oral preceda a linguagem escrita, há uma forte relação entre elas e, ao mesmo tempo, grandes diferenças.

Para alfabetizar letrando, mais que conhecer um determinado método, o professor precisa conhecer e conceber formas de alfabetização que lhe propiciem fazer a mediação entre os conhecimentos de mundo daqueles que estão se alfabetizando e as diferentes modalidades de linguagem escrita com as quais irá trabalhar, assumindo-se interlocutor nesse processo, catalisando e articulando os diferentes dizeres dos aprendizes, estabelecendo uma relação pedagógica marcada pelo movimento interdiscursivo,

intertextual, dialógico que oportunizará, aos alunos, a ocupação de diferentes papéis sociais.

Assim sendo, alfabetizar letrando é ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de forma que os aprendizes se tornem, ao mesmo tempo, alfabetizados e letrados. Logo, a busca do alfabetizar letrando implica necessariamente uma concepção dialógica da linguagem, considerá-la como o lugar da interação humana, como uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento e de transformação da realidade.

2.2 A prática do alfabetizador

O entendimento de que o aprendizado da leitura e da escrita deve ser revestido da percepção de sua utilidade como recurso de comunicação e interação e deve acontecer a partir da vivência de situações em que leitura e escrita apareçam como *centrais e necessárias*.

De acordo com Vóvio (2004, p. 23), o desenvolvimento de práticas pedagógicas coerentes com uma concepção política do processo de alfabetização, exige, além da capacitação técnica, uma postura também política do alfabetizador.

A necessidade de favorecer a criatividade, o diálogo, a articulação e a interação num processo de formação permanente dos alfabetizadores, possibilitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas e a construção do ser político.

A importância em criar ambientes propícios ao desenvolvimento de projetos de alfabetização, seja no que diz respeito às condições materiais - instalações, mobiliário, material escolar e didático, equipamentos - ou às atitudes dos envolvidos - mobilização, participação, compromisso. Esses focos de atenção resultam e são resultantes de dificuldades que permeiam o processo de alfabetização e seus sujeitos, sejam eles os alfabetizadores, os alfabetizados ou as instituições escolares e governamentais propositoras e mantenedoras das políticas educacionais.

Lerner (2002, p. 17), considera que “ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito”. Em sua concepção, “a função social do docente está sofrendo um processo de desvalorização sem precedentes”, pois, há dificuldades de acesso a livros e revistas especializadas e são insuficientes os espaços para discussão da tarefa pedagógica.

Leme (2002, p. 19) também reconhece que a capacitação não é condição suficiente para mudança na proposta didática porque esta não depende só das vontades individuais dos professores e relembra que leitura e escrita são invenções culturais e práticas sociais originalmente

relacionadas a organizações aristocratas. Sendo assim, aliada à capacitação técnica:

[...] o alfabetizador precisa estar habilitado para enfrentar - e encontrar caminhos para resolver - a tensão existente na instituição escolar entre a tendência à mudança e a tendência à conservação, entre a função explícita de democratizar o conhecimento e a função implícita de reproduzir a ordem social estabelecida.

Muitos dos alfabetizadores não tiveram formação escolar específica, não tiveram oportunidade de refletir sobre sua prática escolar e são, também, vítimas das desigualdades sociais. Para vencer esse desafio é preciso transformar esses agentes em sujeitos capazes de questionar - com o apoio de coordenadores pedagógicos capazes, comprometidos com os objetivos primeiros da alfabetização, acessíveis e disponíveis - a realidade em que estão inseridos e “a reprodução acrítica da tradição e a adoção também acrítica de modas” que movimentam o meio educacional.

No processo de alfabetização, a prática da sala de aula é questionada quando se afasta da tradição. Essa tendência reforça ainda mais as concepções tradicionalistas de educação, onde as práticas educativas não consideram a capacidade e as expectativas dos alunos e desprezam a vivência cultural que o alfabetizando pode trazer para o processo de alfabetização, além de apresentarem o aprendizado da leitura e da escrita em um contexto estritamente escolar, desvinculado da sua utilidade como recurso de comunicação e interação. E isto é um dos desafios do processo de alfabetizar letrando.

2.3 Os desafios da prática pedagógica no ensino da língua escrita

É preciso rever a tradicional oposição entre aprender e fazer uso da aprendizagem. Durante muito tempo, a escola trabalhou com a lógica de primeiro aprender a escrever para depois escrever textos com fins socialmente legitimados; primeiro decodificar as letras e seus respectivos sons para depois liberar o aluno para a leitura propriamente dita.

Assim, o que prevalecia era uma prática de imposição de conhecimento justificada. Em outras palavras, se aprendia e depois era que ia se determinar para que o conhecimento adquirido servia. Entretanto, esse modelo vem sendo substituído pelo que hoje pode-se chamar de ‘alfabetizar letrando’.

De acordo com Rego (2004, p. 52), através do método ‘alfabetizar letrando’, pode:

[...] promover, no âmbito do ensino, uma verdadeira sutura entre o descobrir a escrita, aprender a escrita e usar a escrita. A costura entre o ensino e as práticas sociais de uso da língua pode ser um importante mecanismo para demolir as barreiras entre a escola e o mundo e assim garantir a razão de aprender e o significado do que é aprendido; mais que isso, a vontade de continuar aprendendo. No caso da alfabetização, é permitir que o aluno possa aventurar-se desde o início (e cada vez mais) no universo letrado.

Diante dessa concepção, é preciso ajustar o ensino da escrita a um projeto educativo que supere a própria aprendizagem da escrita. Nunca o professor deve limitar-se apenas a ensinar uma base para o conhecimento propriamente dito. Ao ensinar a ler e escrever, ele deve investir na essência da formação do sujeito crítico, consciente e participativo.

Assim, para alfabetizar letrando é preciso focar a intervenção do professor como efetiva prática de interação, que pode não só estabelecer a relação com o outro e a mediação com o objeto de conhecimento, mas também restaurar um diálogo capaz de ampliar a compreensão sobre os saberes já conquistados, os valores, os conflitos, os processos cognitivos e os mecanismos de resistência de seus alunos.

3 considerações finais

O processo de alfabetização exige do professor muita atenção e dedicação. Por outro lado, as dificuldades e os freqüentes fracassos dos educandos nessa fase escolar exigem uma mudança de atitude e uma tentativa na procura de outros caminhos.

Novas concepções aparecem para que os alfabetizadores possam refletir. Entre essas novas concepções, existe o letramento, um processo, através do qual se consegue alfabetizar ao mesmo tempo em que proporciona ao educando uma interação com a leitura.

O ato de alfabetizar letrando abre caminho para o indivíduo estabelecer conhecimentos com e sobre o mundo em que vive. No entanto, para alfabetizar letrando, é preciso que o professor enfrente a diversidade e a complexidade do processo de aprendizagem, criando alternativas para lidar com diferentes realidades sociais, diferentes eixos de construção cognitiva, diferentes tempos de aprendizagem, diferentes momentos conceituais e diferentes expectativas, experiências e saberes

constituídos. Em outras palavras, além de ensinar, o professor deve colocar-se na situação de um eterno aprendiz.

Em síntese, alfabetização e letramento são conceitos que precisam ser vivenciados em sua plenitude, sobretudo na escola, pois tal como se apresenta na realidade nacional, muitos professores precisam se apropriar da concepção de letramento como algo necessário para a vida dos alunos.

Assim sendo, tais conceitos precisam conduzir e reconstruir as propostas pedagógicas dos professores via a proposição de atividades de letramento, mediante reflexões sobre a visão de mundo e de alfabetização que se tem, a fim de promover múltiplas condições de interação com a sociedade e novas formas de relações no processo de letramento.

3 Referências

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. **Alfabetizar letrando: um desafio**. Florianópolis: MED/CED/UFSC, 2004.

REGO, Lúcia Lins Browne Rego. **Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias**. Petrópolis, Vozes, 2004.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V.M. (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2001.

VÓVIO, Cláudia Lemos. O desafio da alfabetização de jovens e adultos no Brasil. **Pátio revista pedagógica**, Porto Alegre, n.29, p. 23-25, fev./abr. 2004.